

São Paulo, 03 de dezembro de 2007.

NOTA À IMPRENSA

Novamente, cesta básica sobe em 11 capitais

A exemplo do que ocorreu em outubro, também em novembro o custo dos gêneros alimentícios de primeira necessidade teve alta em 11 das 16 capitais onde o DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – realiza, mensalmente, a Pesquisa Nacional da Cesta Básica. Cinco cidades apresentaram queda: Porto Alegre (-4,11%), Vitória (-1,56%), João Pessoa (-0,51%), Fortaleza (-0,17%) e Florianópolis (-0,09%). Dentre as localidades onde houve alta, os destaques são: Brasília (6,40%), Aracaju (5,73%) e Salvador (4,31%).

Com o recuo do preço da cesta em Porto Alegre, e a elevação de 2,10% verificada na capital paulista, as duas localidades inverteram de posição, ainda que com valores muito semelhantes. O maior custo para o conjunto de produtos alimentícios básicos foi apurado em São Paulo (R\$ 205,48), vindo a seguir a capital gaúcha (R\$ 205,18). Rio de Janeiro manteve-se na terceira posição, com R\$ 194,92. Os menores valores foram verificados em João Pessoa (R\$ 142,43), Recife (R\$ 145,42) e Fortaleza (R\$ 146,71).

Com base no valor apurado para a cesta em São Paulo, e levando em consideração a determinação constitucional que estabelece que o salário mínimo deveria suprir as despesas de um trabalhador e sua família com alimentação, moradia, saúde, educação, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência, o DIEESE estima mensalmente o valor do salário mínimo necessário. Em novembro, este piso deveria corresponder a **R\$ 1.726,24**, 4,54 vezes o valor do salário mínimo, e cerca de R\$ 70,00 a menos que o valor apurado para outubro, quando chegou a R\$ 1.797,56 (4,73 vezes o mínimo em vigor de R\$ 380,00).

Variações acumuladas

Entre janeiro e novembro deste ano, todas as 16 capitais acumulam alta no custo dos produtos alimentícios de primeira necessidade. As elevações mais significativas ocorreram em Salvador (17,35%), Aracaju (16,34%), Vitória (13,79%), Rio de Janeiro

(13,73%) e Belo Horizonte (13,16%). A menor variação acumulada foi apurada em João Pessoa (6,39%), única cidade com alta inferior a 10,0%.

Em 12 meses – de dezembro de 2006 a novembro último – todas as capitais apresentaram alta, mas na maioria delas o aumento é inferior ao acumulado no ano. As maiores elevações ocorreram em Natal (14,50%), Fortaleza (13,49%), Belém (12,85%), Salvador (12,61%) e Goiânia (12,59%). Nove cidades apresentam variação acumulada inferior a 10,0%, seis delas com aumento menor que o concedido ao salário mínimo este ano (8,57%). Dentre as menores elevações acumuladas os destaques são Curitiba (4,43%), Florianópolis (4,84%) e João Pessoa (5,03%).

TABELA
Pesquisa Nacional da Cesta Básica
Custo e variação da cesta básica em dezesseis capitais
Brasil – Novembro 2007

Capital	Variação Mensal (%)	Valor da Cesta (R\$)	Porcentagem do Salário Mínimo Líquido	Tempo de Trabalho	Variação no ano (%)	Variação Anual (%)
Brasília	6,40	189,20	53,91	109h 32min	10,10	8,90
Aracaju	5,73	160,10	45,62	92h 41min	16,34	10,08
Salvador	4,31	158,20	45,08	91h 35min	17,35	12,61
Belo Horizonte	3,90	194,05	55,30	112h 21min	13,16	8,26
Goiânia	3,86	167,96	47,86	97h 14min	10,18	12,59
Natal	3,80	157,76	44,95	91h 20min	12,11	14,50
Curitiba	3,44	185,31	52,81	107h 17min	10,32	4,43
Recife	2,36	145,42	41,44	84h 11min	10,05	7,97
Belém	2,23	176,57	50,31	102h 13min	12,35	12,85
São Paulo	2,10	205,48	58,55	118h 58min	12,87	10,90
Rio de Janeiro	0,33	194,92	55,54	112h 51min	13,73	8,84
Florianópolis	-0,09	186,92	53,26	108h 13min	10,87	4,84
Fortaleza	-0,17	146,71	41,81	84h 56min	10,37	13,49
João Pessoa	-0,51	142,43	40,59	82h 28min	6,39	5,03
Vitória	-1,56	179,98	51,29	104h 12min	13,79	9,85
Porto Alegre	-4,11	205,18	58,47	118h 47min	10,18	6,86

Fonte: DIEESE

Jornada de trabalho

O predomínio da ocorrência de aumentos no custo da cesta básica, em novembro, elevou o tempo de trabalho necessário para a aquisição dos gêneros essenciais, na média

das 16 capitais pesquisadas, para 101 horas e 11 minutos, quase 2 horas a mais que em outubro, quando o comprometimento correspondia a 99 horas e 19 minutos. Em novembro de 2006, a jornada necessária ficava em 100 horas e 29 minutos.

Quando se considera o percentual do salário mínimo líquido comprometido com a aquisição - após o desconto da parcela referente à Previdência Social - verifica-se que, em novembro, 49,80% do total recebido eram empregados na compra dos mesmos itens que no mês anterior exigiam 48,89%. Em novembro do ano passado eram necessários 49,46%.

Comportamento dos preços

Em novembro, os produtos alimentícios básicos tiveram comportamento predominantemente altista. O principal destaque do mês foi o feijão - cujo preço subiu em todas as capitais - e que teve aumentos extraordinários, com destaque para Aracaju (80,87%), Recife (36,19%), Belo Horizonte (35,90%) e Natal (35,69%). As menores variações ocorreram em capitais onde é acompanhado o preço do feijão preto: Florianópolis (8,58%), Porto Alegre (7,56%), Vitória (5,93%) e Rio de Janeiro (4,71%). Em 12 meses, as elevações são ainda mais expressivas, com quatro cidades com aumento superior a 100%, todas onde é acompanhado o preço do feijão de cores: Aracaju (160,00%), Natal (125,00%), Recife (115,44%) e Belo Horizonte (108,00%). A menor elevação anual foi apurada em Florianópolis (19,89%). A forte e prolongada seca deste ano impediu que as safrinhas de reposição de estoque tivessem boa produção e o principal plantio atrasou dois meses por falta de chuva.

A carne, produto de maior peso na cesta básica, ficou mais cara, em novembro, em 15 capitais, em especial em Brasília (13,01%), Salvador (9,46%), Recife (9,00%) e Natal (8,76%). A única redução foi observada em Porto Alegre (-0,55%). No período de 12 meses houve alta nas 16 regiões de pesquisa, com as taxas mais elevadas verificadas em Porto Alegre (25,07%), Belém (24,75%) e Fortaleza (16,16%). As menores variações foram apuradas em Aracaju (2,80%), Belo Horizonte (2,61%) e João Pessoa (2,05%). A oferta de carne foi reduzida em função do abate das matrizes e, nos últimos meses, pela decisão de retirada dos embargos à compra do produto pelos principais compradores da Europa, particularmente a Rússia, maior importador.

O óleo de soja também encareceu em 15 capitais. As maiores taxas ocorreram em Belém (7,00%), Recife (6,07%), Aracaju (5,86%) e Natal (5,67%). No Rio de Janeiro

houve redução de 0,40%. Foram verificados aumentos significativos em todas as cidades nos últimos 12 meses. Fortaleza (37,29%) e Belém (31,31%) apresentaram os maiores aumentos no período, enquanto Florianópolis (18,10%), Vitória (18,09%) e Recife (15,42%) foram as únicas localidades com alta inferior a 20%. O plantio da soja, assim como outros grãos, foi prejudicado pelo clima com conseqüente atraso na colheita. Os preços no mercado internacional tiveram aumentos significativos, cerca de 50%, no último período anual na Bolsa de Chicago. Os fatores principais foram a alta do petróleo e a forte demanda chinesa.

Dez localidades registraram aumento no preço do pão – em particular Salvador (12,30%) e Brasília (4,88%). Por outro lado, houve estabilidade em São Paulo, Belém e Natal e retração em Florianópolis (-0,84%), Porto Alegre (-1,18%) e Rio de Janeiro (-2,35%). Em comparação com novembro do ano passado, 14 capitais apresentaram alta, principalmente nas cidades do Norte e Nordeste: Salvador (30,05%), Natal (28,57%), João Pessoa (14,35%). Houve queda em Florianópolis (-1,46%) e Belo Horizonte (-1,53%). Desde o início do ano, o trigo vem apresentando forte alta, e registra aumento superior a 50,0% em 12 meses. Além disso, a Argentina aumentou o imposto para exportação do trigo para 20% e com isso favoreceu a exportação da farinha, produto já processado, para o qual o imposto de exportação ficou em 10%. No caso de outros fornecedores, o custo do frete encarece o produto. O preço da farinha de trigo também foi afetado pelo quadro internacional, e em oito das nove localidades onde o produto é pesquisado houve alta, a maior em Brasília (7,21%). A única retração ocorreu em Florianópolis (-4,83%). Na comparação anual, mais uma vez a capital catarinense apresentou recuo (de -2,82%), enquanto entre as demais, as altas variaram entre 11,27%, em Porto Alegre e 35,12%, em Brasília.

Também a batata, cujo preço é pesquisado nas nove capitais do Centro-Sul do país, teve aumentos expressivos em todas elas tanto na comparação mensal quanto na anual. Em relação a outubro, as maiores taxas foram encontradas no Rio de Janeiro (38,82%), Brasília (38,46%) e Belo Horizonte (35,42%). Na comparação com novembro de 2006, os aumentos variaram de 60,98%, em São Paulo a 137,80%, em Belo Horizonte. O clima desfavorável ao plantio encareceu o produto.

O tomate, após vários meses com seu preço em alta, começou a apresentar reduções em outubro (com redução em nove localidades) e, em novembro, registrou queda em 15

capitais, as mais significativas em Recife (-44,86%) e João Pessoa (-42,15%). Somente em Belém houve ligeira alta (0,43%). A capital paraense é a única a apresentar pequeno aumento na comparação anual (1,30%), pois nas demais foram apuradas quedas entre -8,33%, em Fortaleza e 51,89%, em Vitória. A ocorrência de chuvas no final de outubro favoreceu a produção.

O preço do açúcar caiu em 10 capitais em novembro, com destaque para Natal (-14,96%) e Recife (-7,27%). Em Salvador não houve alteração e nas outras cinco localidades ocorreram altas moderadas, como em Florianópolis (3,54%) e Rio de Janeiro (2,54%). Com a safra da cana já colhida, a comparação anual ainda apresenta queda no preço em todas as capitais, com taxas que variam de -10,00%, em Aracaju a -40,83%, em Goiânia.

Apesar de, na comparação mensal, o preço do leite haver apresentado queda em oito localidades, lideradas por Florianópolis (-6,25%), em relação a novembro passado houve aumento em todas as capitais. As principais taxas foram observadas em Salvador (40,54%), Porto Alegre (33,93%) e Curitiba (32,73%). As quedas do último mês refletem o fim do período de entressafra e ao mesmo tempo, a alta exagerada de agosto/setembro.

Também o café registrou forte alta em todas as capitais na comparação anual, com as maiores taxas verificadas em Salvador (33,80%) e Fortaleza (28,64%). Somente em Recife (9,50%) e João Pessoa (0,41%), as altas foram inferiores a 10,0%. Na comparação mensal, porém não houve tendência clara, com oito reduções moderadas – as principais apuradas em Brasília (-3,58%) e São Paulo (-2,77%) - sete altas, a maior verificada em Salvador (10,04%) e estabilidade em Aracaju.

São Paulo

Após oito meses ocupando o segundo lugar, São Paulo voltou a apresentar o maior preço para o conjunto de gêneros alimentícios essenciais, com seu valor chegando a R\$ 205,48, devido à alta de 2,10% ocorrida no mês. A variação acumulada de janeiro a novembro deste ano corresponde a 12,87%, enquanto nos últimos 12 meses – de dezembro de 2006 até novembro último – a alta é de 10,90%, um percentual superior ao reajuste concedido em abril ao salário mínimo.

Os aumentos apurados em cinco itens foram determinantes para o comportamento do custo da cesta: feijão carioca (20,62%), batata (20,00%), farinha de trigo (4,78%), carne bovina de primeira (4,70%) e óleo de soja (2,23%). Dois produtos mantiveram-se com seus preços estabilizados: leite *in natura* tipo C e pão francês. Os outros seis itens registraram retração: tomate (-16,30%), açúcar refinado (-4,20%), café em pó (-2,77%), arroz agulhinha tipo 2 (-2,60%), banana nanica (-1,90%) e manteiga (-0,87%).

Em relação a novembro de 2006, três produtos estão com seus preços mais baixos este ano: açúcar (-25,00%), tomate (-14,41%) e banana (-7,56%). Os outros 10 componentes da cesta registraram alta, algumas exorbitantes: feijão (74,85%), batata (60,98%), leite (24,82%), farinha (20,76%), óleo (20,53%), café (11,16%), carne (9,40%), manteiga (7,38%), pão (5,24%) e arroz (3,45%).

O assalariado paulistano que ganha salário mínimo precisou cumprir, em novembro, uma jornada de 118h e 58 minutos, enquanto em outubro eram necessárias 116 horas e 31 minutos. Em novembro de 2006, o tempo de trabalho necessário correspondia a 116 horas e 28 minutos.

Também quando se compara o custo da cesta e o valor do salário mínimo líquido (após o desconto da parcela referente à Previdência) verifica-se a mesma correlação. Em novembro a compra da cesta requisiu 58,55% do rendimento líquido, enquanto em outubro eram exigidos 57,35%. Em novembro do ano passado, a mesma compra necessitava de 57,33% do valor recebido.